



Memória Viva – A História Correta

*Oswaldo Augusto Sant’Anna**

Há 150.000 anos, os primeiros sinais, gestos... Desconfia-se! Há 50.000 anos, os primeiros agrupamentos, sons... Desconfia-se! Linguagens, noções matemáticas, devem ter surgido há 10.000 anos! Histórias dos hominídeos, do *Homo sapiens*, complexas, entremeadas de suposições com base nos ossos, artefatos, murais rupestres. Raros escritos, e ainda assim, de uma história muito, muito, muito recente.

Tive a felicidade de conhecer e conviver com meus avós, o Augusto e o Oswaldo, uma tia cientista, a Maria, uma tia-avó pianista, a Vitalina, ouvir histórias de tempos que não conheci. Intuitivamente, fui beber nas águas das artes [pintura, música, literatura] e, decidido a seguir a carreira científica, cedo incorporei o conceito de história à minha formação. Houve um professor que observou: *você está sempre à procura de um pai!* De certo modo ele estava certo... Há sempre algumas perguntas, há sempre algum significado nas ciências, que remetem ao passado. Hoje diria que sou filho de muitas mães, muitos pais e, de tempos em tempos, descubro mais algum(a).

Basta iniciar a escrita de um capítulo, de um artigo, para certificar-se de que os trajetos que conduziram ao estudo foram projetados há tempos. Onde e quem os gerou? Teriam sido pensados em grupo ou individualmente? Quais as condições motivadoras? Como era a vida no laboratório; a vida do pesquisador?

Pesquisador PqCVI, Laboratório de Imunoquímica do Instituto Butantan, gbrazil@usp.br

Creio que um cientista deve exercitar a percepção e buscar na História razões e emoções. Diferentemente do tecnólogo ou especialista, um cientista é capaz de, ao menos tentar, basear seus estudos em conceitos [que no caso das ciências biológicas – médicas, ligam-se à complexa noção de Evolução]. Além de não desvincular os conhecimentos de sua Área de outras, como as da Filosofia, História ou Sociologia.

Nos anos 1980, comecei a buscar meus pais; gravei entrevistas com os avós, com um tio-avô, o Ruy Vital Brazil, que muito admirava, e caminhei para os professores sobre os quais escrevi: Ivan Mota, Maria Siqueira, Isaias Raw, Otto Bier... Com outros professores e artistas registrei gravações: Oswaldo Frota-Pessoa, Willy Beçak, Maurício Nogueira Lima, Henfil. E com outros tantos sempre conversei, e sempre aprendi!

Aqui segue a entrevista realizada com o Professor Luiz Rachid Trabulsi. Bacteriologista, cujos trabalhos com enterobactérias estão entre os mais citados nas ciências biomédicas brasileira, o professor Trabulsi foi diretamente responsável pela formação de grande parte dos microbiologistas nos últimos 35 anos. E através de seu Livro *Microbiologia*, reconhecidamente a obra mais abrangente dessa Área [a 4ª Edição revisada em 2004], seguramente contribuiu e contribuirá com formação e muitos outros. Em 1970, o professor Trabulsi foi um dos criadores do curso de pós-graduação em Microbiologia e Imunologia da Escola Paulista de Medicina – UNIFESP – dos primeiros nessas disciplinas no país.

Há exato um ano, o professor Trabulsi trabalhava regularmente no então Laboratório Especial de Microbiologia, hoje Bacteriologia do Instituto Butantan onde de 1998 a 2005, desenvolveu seus estudos e deu seguimento à formação de jovens pesquisadores. *Meu caro amigo* Trabulsi, ainda vive comigo.

Finalmente, resta agradecer ao Laboratório Especial de História da Ciência pela publicação desse registro. Afinal, História é para ser contada, não? E as Histórias contadas por seus protagonistas, destas não se desconfia!

São Paulo, 15 de maio de 2006

Entrevista com o Prof. Dr. Luiz Rachid Trabulsi, realizada em 28 de agosto de 2004, no Instituto Butantan, pelo Dr. Osvaldo Augusto Sant’Anna.



Figura 1: L. R. Trabulsi

OAS - A idéia deste depoimento é ter um registro das pessoas que são essenciais para a ciência brasileira. Obviamente eu não vou ter chance de entrevistar todos, mas pelo menos alguns eu vou tentar.

Eu gostaria que você falasse sobre sua formação. O que levou você a fazer ciência, foi uma coisa que veio desde criança, você tinha uma influência de família? Aliás, você nasceu aonde?

LRT - *Eu nasci numa pequena fazenda chamada Bela Vista no município de Vargem Grande, estado do Maranhão. Eu não sei dizer a você o por que, mas eu me lembro que sempre quis ser médico. Nasceu isso, eu insistia muito e acabei convencendo meu pai e*

minha mãe que queria ser médico. Então, já com esse objetivo me mudei para a cidade de São Luiz do Maranhão para fazer o ginásio. E naquele tempo, a Bahia era muito famosa, a Faculdade de Medicina, e eu já dizia ao meu pai que ia fazer medicina na Bahia. Ele era contra porque eu tinha quinze anos naquele tempo e hoje, quando me lembro disso, fico surpreso. Mas, acabei convencendo meu pai e fui para a Bahia com 15 anos fazer o colegial e depois o curso médico. E realmente fiz vestibular e o curso médico. Durante o curso médico é que surgiu a idéia de fazer ciência.

OAS - Mas antes era medicina?

LRT - Antes eu queria ter meu consultório, meus clientes, mas durante o curso eu comecei a gostar de pesquisa, de ciência e, assim que eu estava para me formar, um professor aqui de São Paulo, Fernandes Pontes, deu um curso em Salvador em junho de (1953) eu me formei no fim de 53 e gostei muito da aula que ele deu.

OAS - Ele era de onde?

LRT - Aqui do Hospital das Clínicas. E daí conversamos e disse que gostaria muito de trabalhar com ele. Naquele tempo eu queria estudar câncer de estômago. Ele então me arrumou uma bolsa e depois que eu me formei na Bahia, eu vim para São Paulo. Foi aí que a coisa se intensificou, porque ele só falava em ciência, embora tivesse uma clínica imensa. E ele estimulava muito a gente a fazer pesquisa, então eu também me estimulei e fui para a Alemanha, já com esse espírito de estudar a flora intestinal, fisiologia do aparelho digestivo, alergias, de lá para cá, eu me dediquei integralmente. Numa certa fase fiz tempo parcial, mas sempre preocupado pelo fato de sentir que não dava tempo de pesquisar. Aí um belo dia eu criei coragem, passei a ficar em tempo integral e me dedicar somente à pesquisa. Em resumo é mais ou menos isso.

OAS - Então você teve uma passagem da gastro para a microbiologia, como foi isso?

LRT - Isso foi bem característico. Havia um interesse muito grande do Dr. Pontes pela flora intestinal e eu comecei a estudar. Embora eu gostasse muito de gastrologia, eu senti que a flora intestinal ia me absorver totalmente pela sua complexidade. Então larguei a clínica e me dediquei só à microbiologia. A flora intestinal foi o meu início na microbiologia. Na Alemanha eu estudei, mas quando voltei para o Brasil eu não me sentia preparado para tocar a pesquisa de flora intestinal. Daí eu fui para os Estados Unidos e fiquei com dois microbiologistas no CDC por mais ou menos um ano e meio e, quando voltei para o Brasil, me senti preparado e comecei a pesquisar e publicar sobre flora intestinal, principalmente com patógenos intestinais.

OAS - Você ficou na Alemanha por quanto tempo?

LRT - Dois anos e meio. Fiz doutorado na Alemanha em imunologia.

OAS - Então quando você foi para os Estados Unidos já era pós-doutorado, você não tinha um projeto específico?

LRT - Eu fiz doutorado na Alemanha, mas quando eu voltei para São Paulo, a faculdade não aceitou meu doutorado e não me deram o título de doutor. A orientação foi que eu fizesse outra tese. Então fiz tese de doutorado em São Paulo, que naquele tempo era doutoramento. Depois eu fui para os Estados Unidos me especializar em Bacteriologia, em enterobactérias.

OAS - Como é que foi o menino de Vargem Grande na Alemanha?

LRT - Temos alguma coisa em comum. Antes de ir estagiei com Rocha e Silva e ele era super conhecido na Alemanha. Então, quando me perguntavam quem eu era eu dizia: sou médico, me formei na Bahia, estagiei com Rocha e Silva. Fiquei seis meses com ele. Aí as portas se abriram facilmente. O Professor Rocha e Silva me ajudou muito. Ele nem sabe disso obviamente, mas me ajudou muito.

OAS - O Professor Pontes era do Hospital das Clínicas e quando você voltou já estava integrado no Departamento?

LRT - Não estava, mas tinha o setor de bacteriologia que, por sinal o Solei Verne que trabalhava com Gram-positivos e como eu trabalhava com Gram-negativos, então se encaixou melhor. Então eu passei para o Lacaz, que me contratou como Assistente Doutor. Isso foi em maio de 1962. Aí eu fiz carreira lá na Faculdade de Medicina.

OAS - Isso foi depois de sua volta dos Estados Unidos?

LRT - Foi.

OAS - E aí como foi sua carreira lá, muito espinhosa?

LRT - Não foi. Tive algumas dificuldades políticas. Naquele tempo pensavam que eu era comunista e eu nunca fui comunista, falaram que eu ia ser cassado, mas depois eu descobri tudo que isso era vontade de alguns que eu não ficasse. Mas eu fiquei lá por oito anos, com aceite de Lacaz e fiz Docência. Eu sempre tive muita facilidade em me associar com jovens para trabalhar. Fiz um grupo bom de trabalho. E eu diria que, talvez, uma das principais contribuições que eu tenho foi nessa época, nesses oito anos, quando descrevi uma série de bactérias invasoras do intestino, chamadas E. coli invasoras. Isso foi até publicado na Folha. E tudo isso foi feito com aquele

grupinho de trabalho. Daí eu fiz Docência e teve uma particularidade interessante que, naquele tempo, tinham vinte e cinco examinadores. Eram cinco provas com cinco examinadores para cada uma. E eu tive vinte e cinco notas dez. Teve até um jornal que publicou minha fotografia, foi engraçado, eu tenho ele guardado em casa. O único docente a ter passado com dez foi Lacaz, então eu fiquei sendo o segundo. Depois disso foi muito bom, eu já estava insatisfeito com a situação política da Faculdade de Medicina, mas recebi muitos convites de outras faculdades. Estive em Botucatu, fiquei lá cinco anos. Mas não quis continuar lá porque meus filhos não queriam ficar, minha mulher também não. Aí surgiu o convite da Escola Paulista.

Eu te conheci quando você foi para a Escola Paulista.

- *Em 1970.*

É, em 70. Eu me lembro do famoso Professor Trabulsi.

- *Aquilo foi uma maravilha. Eu encontrei muito apoio lá.*

As tuas assistentes, a Henriqueta...

- *Henriqueta, Regina Toledo, Luiza.*

Elas vinham te acompanhando?

- *Vieram desde a Faculdade de Medicina.*

Então você já tinha um pessoal formado.

- *Levei meu grupo comigo. Essa foi uma grande coisa porque, chegando à Paulista eu não tive que parar, já começamos a trabalhar, porque o pessoal veio comigo.*

Eu me lembro muito bem que você foi a primeira pessoa que, dentro do esquema de pós-graduação da Paulista, trouxe estrangei-

ros para cá. Eu queria que você falasse um pouco sobre isso, porque acho que você foi um dos precursores. Existia isso em algumas pós-graduações, mas estava começando.

- *É, estava começando, inclusive o curso da Paulista foi eu que criei.*

Foi o primeiro curso de pós-graduação em Microbiologia?

- *Não, o primeiro foi o curso de Microbiologia no Rio de Janeiro. E o segundo foi na Paulista.*

Quem era o Professor no Rio?

- *No Rio era Paulo Góes. Inclusive o assistente dele, muito famoso, era o Marion Cury. E esse Cury me procurava muito e dizia: “Trabulsi vamos criar a pós-graduação na Paulista.” Aí eu me empolguei e fundamos o curso. Em Microbiologia esse curso foi com certeza o segundo no Brasil e, em São Paulo, foi o primeiro. E eu sempre achei que era muito importante a gente ter a colaboração do exterior para nos ajudar. Então eu realmente já comecei o curso trazendo gente de fora. O pessoal de Genética, porque naquele tempo não se falava de bactéria, não se sabia de nada.*

É, eu lembro.

- *Como é que você sabe de tudo isso?*

Porque eu era daquela época.

- *Você foi aluno lá?*

Eu fui, mas na Micro eu só fiz um curso.

- *O de Genética?*

Não. Como minha área de concentração era imunologia, eu fiz um outro curso na Microbiologia, que agora eu não me lembro. Mas aí eu conheci todo mundo lá. Eu lembro que nós fizemos uma viagem para um congresso em Belo Horizonte, acho que foi o primeiro Congresso de Microbiologia. Eu acabei indo porque eu tinha um trabalho junto com a Moema e a Maria, no qual nós desenvolvemos um sistema de recuperação de anticorpo específico. Então eu fui nesse congresso, mas só tinha microbiologista. E viajei junto com as meninas, no carro da Henriqueta. E eu nunca vou me esquecer, que era uma peruinha...

- *Um DKV, talvez.*

É, alguma coisa assim. E eu fui dirigindo porque ela nunca tinha dirigido na estrada.

- *Que interessante.*

Então eu conhecia o pessoal, mas não tinha muita convivência com os professores da Micro.

- *Ah, é que o negócio foi o seguinte, quando eu cheguei lá, o chefe do Departamento era o Tancredo. Aí fiz um concurso e me tornei chefe do Departamento. Mas naquela época eu já tinha a idéia de que tinha que separar a Micro, a Imuno e a Parasito. Então já estava meio separado, ainda tinha a Micro e a Imuno juntas. Mas eu procurei separar para ter independência total, de modo que eu fiquei na Micro, o Nelson ficou na Imuno e, mais tarde, na parasito entrou o Erney Camargo. Eram três disciplinas mais ou menos autônomas, embora fosse um Departamento só com um chefe só.*

Mas o curso é em Micro, Imuno e Parasito.

- *É, até hoje.*

Aliás, acho que é o único que manteve isso. Uma coisa interessante é que antigamente existia essa coisa de trazer um professor de fora. E isso era ótimo para várias pessoas. E sempre esse professor acabava tendo um estudante, coisa assim. E a partir de um determinado momento, não existe mais isso. Porque, em geral, um pesquisador de fora tem muitas atividades e não pode mais vir aqui. Como é que você vê isso?

- *Oswaldo, você sabe que eu continuo trazendo gente. Aqui no Butantan mesmo já trouxe vários. Continuo trazendo como trazia naquela época. Só que agora, a colaboração é mais estreita.*

Mais restrita?

- *Não, mais estreita, mais intensa. Tanto esses pesquisadores continuam vindo para o Brasil, como todos esses meus rapazes e moças já foram trabalhar com essas pessoas.*

Isso é fantástico.

- *No momento eu tenho duas pessoas na Inglaterra, e vários outros alunos foram para os Estados Unidos. Então continua do mesmo jeitinho, não mudou em nada.*

Você não mudou nada.

- *Não mudei e acho que não devo mudar por enquanto.*

Não, é ótimo que não mude! Eu acho fantástico!

- *Agora o que acontece hoje é o seguinte, naquele tempo, eles faziam quase tudo lá, praticamente a tese toda. Agora não, nós temos condições de fazer parte aqui, parte lá, então a troca de informações é mais intensa. Por isso a relação é mais estreita. E eu acho isso uma maravilha e não pretendo parar.*

O que eu acho é que, naquela época já existia um pouco disso nos cursos da OMS que trazia o pessoal, depois o Ivan continuou, mas em cursos de pós-graduação você foi o primeiro a ter essa visão.

- *É, e foi o primeiro curso de Genética de Bactérias naquela época e foi um sucesso, até com curso prático.*

E quais foram os seus mentores? As pessoas que te influenciaram, com quem você convivia.

- *Aqui no Brasil?*

É, no Brasil.

- *Eu não sei, acho que não tive. Eu caminhei muito sozinho.*

Você acha que foi mais o pessoal lá fora?

- *Pode-se sugerir da Alemanha, mas nada mais do que isso. Me davam apoio, mas sem nenhum objetivo definido. O Lacaz nunca me deu uma orientação, eu é que tinha idéias, procurava e sempre tive apoio. Quer dizer, faltava naquele tempo o orientador.*

E o seu caminho até chegar a sua formação, até ir para a Alemanha, a coisa foi difícil ou você foi sentindo naturalmente?

- *Hoje, quando eu olho para trás, eu acho que foi muito difícil,*

mas naquele tempo eu não sentia muita dificuldade porque o entusiasmo era tão grande! Mas era uma bolsa mínima, eu fui com bolsa da instituição Humboldt, uma bolsa pequena e eu tinha que ficar hospedado nos hospitais, e não dava mesmo, de modo que meu sogro até me ajudou muito, me deu um auxílio. Eu já fui casado para a Alemanha. Nos Estados Unidos a bolsa também era mínima, de U\$ 250.

Nossa Senhora!

- E naquele tempo já não dava mais. Nunca tive carro lá, por exemplo. Então foi difícil. Hoje eu acho que realmente eu fiz um sacrifício enorme, mas naquele tempo eu tentava tudo.

Tirava de letra!

- Acho que isso é que mudou muito. Eu não tive muitas dificuldades não.

Uma das coisas interessantes de hoje é que, depois da instituição da FAPESP e do CNPq, há mais perspectiva para o jovem, uma facilidade maior. Mas eles acham difícil. O que você falaria para eles?

- Difícil era na minha época! Para vocês eu acho que é uma situação fantástica. Hoje os nossos jovens que querem fazer pós-graduação têm tudo nas mãos. Têm orientadores aqui, têm bolsas para o exterior, acho que hoje é uma situação diferente, realmente muito boa para eles.

Você acha que isso teria uma relação com esse desenvolvimento da vocação, ou seja, você percebe que existe uma relação entre enfrentar um desafio, enfrentar a dificuldade, mas com o espírito aberto para isso. Você acha que essa “facilidade”, porque também não é tão fácil assim, tem que entregar relatório, prestar contas.

Você acha que isso acomoda o jovem, ele vem menos por vocação? Porque a impressão que eu tenho é que antigamente a vocação era mais exercida.

- Era a coisa básica talvez.

Porque todo mundo que eu conheço, para fazer pesquisa, dava aula em cursinho, vivia com uma bolsa pequena, quando tinha bolsa, dava aula em escola, mas queria fazer. Era aquela coisa de dizer: eu quero ser cientista.

- Olha Osvaldo, com toda a minha experiência, são quase quarenta anos de pesquisa, eu acho que tem um pequeno grupo que tem vocação e são essas pessoas que realmente deslançam. Mas a maioria eu acho que não é vocação, e sim a oportunidade de ter uma bolsa, um trabalho, uma renda mensal. Essa é minha impressão hoje. Agora esses acabam fazendo mestrado, doutorado, você ajuda, mas a carreira deles não deslança, fica por aí. Em outras palavras, eu acho que muitos jovens que procuram a ciência não é pela pós-graduação, é pelo emprego, pela bolsa. Essa é minha impressão. E eles dificilmente, um ou outro pode ser, mas a maioria não vai nunca se interessar por ciência.

Eu costumo dizer que existe uma nuvem muito tênue entre o sacro e o mágico. Eu acho que a ciência na nossa época era uma coisa mais sagrada. Era encarada realmente como uma coisa diferente do resto, sem desmerecer as outras profissões. Mas era aquela coisa de almejar algo diferente e você não vai ficar rico. Ninguém fica rico fazendo ciência, pode viver com dignidade, mas riqueza nunca vai ter.

- Para mim sempre foi a vontade de conhecer mais e até hoje eu mantenho isso, graças a Deus. Eu me empolgo muito com a oportunidade de conhecer coisas novas.

Eu senti isso mais claramente quando você veio aqui para o Butantan. Como é que foi essa sua passagem da universidade para o Instituto, você sentiu muita diferença? Você acha que os objetivos são distintos?

- Na verdade foi uma mistura de coisas. Eu pedi minha aposentadoria na Paulista em 1988, porque eu não me sentia mais atualizado com essa biologia molecular. Então eu pensei muito, queria ir para o exterior, mas estava com problema cardíaco. Aí eu disse: bom, vou me aposentar. Por questão de saúde eu não podia mais me atualizar, não podia ir para o exterior por problemas no coração e, também, não me sentia mais atualizado para conduzir as coisas do jeito que eu gostaria de conduzir. Então me aposentei. Fiquei três anos, daí eu comecei a ter vontade de voltar a estudar.

Você parou?

- Parei três anos. Fiquei em um laboratório particular fazendo bacteriologia diagnóstica. Aí eu comecei a ter vontade de estudar. E sou muito amigo do Sergio Olavo Pinto Costa que me convidou para examinar uma tese um dia, aí eu disse que estava com vontade enorme de voltar. E ele me convidou para trabalhar na USP. Aí foi uma nova história. O Erney Camargo disse: olha Trabulsi, já que você está aqui faça o concurso. E eu disse: não, você está louco? E ele disse: faça, vai ser bom para o Departamento ter você também. E ele me estimulou muito e o Camargo também, e no fim eu acabei fazendo o concurso em 1993 e entrei. Aí foi uma outra vida, Osvaldo, porque logo um monte de estudantes me procurou e eu comecei a trabalhar intensamente. Eu tinha uns doze alunos comigo, restabeleci rapidamente o intercâmbio com os Estados Unidos, e fiquei lá na USP por cinco anos até a compulsória. Mas foi uma época fantástica porque publicamos mais de trinta trabalhos, com esse monte de alunos, esse intercâmbio todo. Quando me aposentei pela compulsória, o Camargo me procurou. Primeiro houve também uns contatos com o Isaías, mas foi o Camargo quem realmente me convidou para vir

para o Butantan. Houve uma reunião com Camargo, Isaías e a Hisa e o convite foi oficializado. E eu vacilei muito, porque achava que já era hora de parar. Mas eu precisava ter uma renda, porque a minha aposentadoria na Federal era pequena e na USP me aposentei com R\$100,00, já que só tinha ficado cinco anos. Então eu aceitei esse convite pensando mais na minha renda e, um pouco, também, como mais um desafio. Aí eu vim para cá e foi uma beleza porque deu tudo certo. Trouxe meus alunos que estavam comigo na USP, trouxe todos meus equipamentos, a FAPESP deu mais um bom dinheiro para eu acabar de montar o laboratório. Então foi essa a história da minha vinda para cá. E eu estou aqui muito feliz, Oswaldo, porque tudo está indo tão bem, está correndo tudo tão bem.

Você acha que mudaram muito as suas diretrizes de trabalho com a vinda para o Instituto?

- Não, continuou a mesma coisa, não mudou nada. A única coisa foi que houve uma missão, junto com a Dra. Hisa, de fazer a rotina bacteriológica do Butantan. O controle da produção e o controle do biotério. Isso é uma atividade que eu não tinha mas que tenho aqui no Butantan.

Mas no ponto de vista do desenvolvimento do conhecimento?

- Exatamente a mesma coisa.

Você acha que a gente escrevia mais antigamente?

- Trabalho científico?

Não, a gente escrevia outras coisas.

- Ah sim, muito mais. Agora trabalho científico acho que atualmente a gente escreve mais. Mas trabalhos não científicos se escrevia muito mais, gostava-se mais de poesia.

Lia-se mais.

- *Sim, lia-se mais.*

Uma coisa que eu falo, não sei se você concorda, mas eu acho que o valor da palavra, o indivíduo prestar atenção na palavra, é uma coisa que acabou. Qual é a sua orientação para seus estudantes, que hoje vivem essa coisa da informática de uma maneira violenta? Seus estudantes namoram resultado?

- *Os bons namoram. Agora a minha recomendação é sempre leitura, leitura, leitura. Isso eu não dispenso.*

E você orienta também em relação à vida, quer dizer, não só projetos de trabalho, mas projetos de vida?

- *Aqueles que a gente estabelece mais contato geralmente dou conselhos.*

É aquela coisa da convivência, que leva à confiança, e aí você tem uma aproximação.

- *E muitos me procuram e pedem uma orientação, um conselho. Isso existe, uma orientação científica e outra mais geral. Isso existe naqueles em que há mais aproximação.*

E te assusta um pouco o futuro da ciência no Brasil?

- *Para mim isso tem variado um pouquinho, mas a minha tendência é acreditar que vai dar certo. Existem algumas evidências. Primeiro eu acho que algumas coisas estão mudando. A quantidade de publicações científicas aumentou muito ultimamente. Quando estava na Capes eu notei isso na parte de Microbiologia e é uma coisa impressionante o que aconteceu nos últimos dez anos, graças à pós-graduação, a coisa praticamente quintuplicou.*

Quintuplicou nos últimos dez anos?

- *Sim, na Microbiologia.*

Bom, as outras áreas também devem ter aumentado.

- *Ah, sem dúvida. E as publicações são em revistas internacionais. E eu acho também que essa quantidade imensa de alunos que nós temos e que vão para o exterior e estão voltando, isso vai contribuir muito.*

Então, mas como é que você vê o desenvolvimento do mercado de trabalho dentro da disponibilidade de hoje?

- *Talvez isso seja um pouco limitado, mas eu acho que as coisas acontecem quase de maneira imprevista. A internet, por exemplo, para mim é um mundo e está abrindo muito o mercado de trabalho. E isso não existia a cinco anos atrás. Então, eu recebi ontem o Scientific American, não sei se você assina.*

Não.

- *Todo ele é sobre o genoma humano. Não descrevendo técnicas, mas perspectivas de coisas que vão acontecer no setor industrial, no setor científico. E puxa vida, quanta coisa vem por aí. Então eu tenho a impressão de que nós vamos entrar nisso também, sabe Oswaldo. E entrando nisso, eu acho que a gente vai ter muitas perspectivas. Talvez não nas coisas públicas, que estão uma bagunça, mas talvez nas universidades particulares. Essa é minha impressão.*

Eu também sinto isso. Acho que do lado privado a perspectiva é notória. Mas o que me preocupa não é a questão da absorção do trabalho, é a absorção do conhecimento. No sentido de que um indivíduo como você, por exemplo, que foi para a Alemanha, voltou, teve o bom senso de dizer que precisava de mais alguma coisa, foi

para os Estados Unidos, voltou e disse: agora eu faço. Porque você sentiu o caminho do seu conhecimento e não veio aqui simplesmente para trabalhar. Eu tenho preocupação em relação a isso, quer dizer, como é que você vê esse aspecto? Porque, querendo ou não, as universidades públicas por pior que sejam, ainda são, basicamente, a única fonte de desenvolvimento de conhecimento. Algumas particulares têm alguma coisa começando. Eu conversei com o Isaac e lá em Mogi eles têm quatro ou cinco áreas que querem expandir, estão desenvolvendo, inclusive com auxílio da Fapesp. Mas eu fico meio receoso com a progressão do conhecimento, não com o trabalho em si.

- Eu acho que a universidade pública nunca atraiu pesquisadores porque sempre pagou muito mal. Atraiu aqueles idealistas que não estavam pensando em ganhar dinheiro. E continua assim. Tanto é que hoje, se a pessoa tem uma chance fora, ela não vai para a universidade. Agora, nas particulares isso mudou muito. Eles estão pagando realmente muito melhor, duas ou três vezes mais do que a universidade pública. Então eu acho que isso vai ser uma atração para pessoas competentes, pessoas que estão voltando do exterior e estão muito bem preparadas.

Então você acha que tem essa perspectiva não só do trabalho, mas do desenvolvimento?

- Acho, do desenvolvimento do conhecimento também, acho sinceramente. Por outro lado, esse é um assunto muito complexo. Hoje em dia, os pesquisadores do exterior não estão mais dependendo muito do governo, você notou isso? Você pega essa Selera, por exemplo, é totalmente particular.

Sim. Isso é muito do americano. Se você tem um produto em vista, já existe um investimento. Não sei se você chegou a ver, em janeiro desse ano quando ele anunciou rapidamente que já estava

na porta do mapeamento. Em janeiro, ele captou na bolsa de valores 800 milhões de dólares! Então o problema do mundo não é dinheiro, você anda por aí e vê. Eu acho que o problema é que o desenvolvimento das culturas estão sendo sufocadas. Quer dizer, se você tem o produto, o privado entra e daí você não depende do público. Agora, se você não tem o produto, aí a coisa complica.

- É, aí eu estou de acordo com você.

Eu não sou pessimista, eu sou extremamente otimista, tanto é que eu converso com as pessoas. Eu vejo a situação como pessimista, como dizia o professor Alfredo da Silva Teles: “Eu não sou pessimista, a situação é que é pessimista”. Nesse sentido, se a gente não tiver um produto, fica muito difícil.

- Ah, eu confesso que estava falando mais dessa parte de biologia, biomedicina, nesse sentido. Não dessa outra parte.

Eu acho que a perspectiva dessa historia do genoma é grande para a indústria farmacêutica e para a industria de informática.

- Osvaldo, eu não sei se você sabe disso, mas lá na Imperial College em Londres, por exemplo, existem equipes encarregadas de captar as coisas que aparecem lá para levar para a indústria.

Sim, são os “headhunters”.

- Inclusive, alguns desses grandes complexos criados para mapear genes de animais usam aqueles “target sequences”, que são criados por empresas particulares.

Sim, porque é o produto. Nesse caminho eu acho que a coisa vai, mas minha dúvida é em relação ao aspecto intelectual.

- Sim, nesse aspecto eu concordo com você, mas talvez uma coisa puxe a outra.

Você conhece bem o Brasil. Como é que você vê essas decisões do MEC, por exemplo, com relação ao mercado? Eu vejo assim, em Fortaleza, por exemplo, você não vai formar um estudante em dois anos. Aqui você forma, mas lá não. Essas diferenças regionais existem e vão continuar por muito tempo, mas você tem que ter um desenvolvimento endógeno. Uma coisa de lá para lá mesmo. Você acha que essas medidas são razoáveis? Porque uma das coisas que eu sinto quando converso com pessoas mais experientes é que elas viveram dificuldades, mas tinham uma liberdade. Você não era pressionado para fazer seu estágio em um ano. Quer dizer, tinha um limite de tempo, quando fui para a França eu não podia ficar a perder de vista. Mas você não acha que essas normas não estão tolhendo a liberdade?

- Eu acho que há um erro fundamental. Eu fiquei na Capes por vários anos. E quando eu estava lá, eu tinha idéias muito definidas.

Mas quando você estava lá ainda não existia essa história dos dois anos?

- Eu deixei a Capes há três anos e ainda estavam discutindo isso. Mas mesmo assim, o que eu achava que esse país precisa muito são de especialistas. Na área de Microbiologia há uma escassez total de gente que entende de Microbiologia. Agora, para fazer uma Microbiologia bem feita, aplicada ao que nos interessa, o curso de mestrado não é nada. Pelo contrário, até desfavorece porque o sujeito fica perdendo tempo com uma porção de bobagem e não aprende nada. Então, a minha proposta naquele tempo era de que houvesse uma especialização para atender à necessidade do país e houvesse uma pós-graduação dirigida à cientistas, pesquisadores. E eu só colocaria

no doutorado pessoas realmente capazes. O mestrado, para mim, seria um pré-doutorado. Essa era idéia naquele tempo. O mestrado por si só, eu não vejo uma grande vantagem.

Tanto é que as grandes personalidades brasileiras se formaram sem um mestrado. O mestrado estava embutido na formação. E você, lá na Capes, teve contato com as pessoas na área administrativa, na parte de burocracia, você acha que eles são impermeáveis a esse tipo de coisa?

- Eu tenho a impressão que são. A minha impressão desse governo federal é que não é possível. Eles são uns burocratas que não entendem de nada, são carreiristas, as decisões são mais políticas, então eu acho que dificilmente sai alguma coisa boa. E a outra coisa que eu acho péssima é que não tem continuidade. Então entra lá um cara que implanta uma coisa de milhões de dólares, mas sai no ano seguinte, entra outro e muda tudo.

Pior que esse negócio que a gente reclama muito, que na ciência deveria existir um plano plurianual, na verdade deveria existir um plano de desenvolvimento das pessoas que estão lá. Existe uma descontinuidade total.

- Um exemplo recente é o Pronex, que já acabou. Não durou nem dois anos, acho que durou só um. Então, eu não tenho muita confiança no governo federal. Sou muito mais a nossa Fapesp com os auxílios que dá, as bolsas.

Eu digo que o feijão com arroz é melhor do que, bom, a Fapesp sustentou a ciência no estado de São Paulo e sustentou o estado de São Paulo, porque se você tem uma boa ciência você tem um bom Estado.

- E a contribuição que está dando para outros estados. Porque o pessoal vem todo aprender aqui. Eu fui diretor do Adolfo Lutz

por quatro meses. Saí porque aquilo era uma bagunça. E eu ia a Brasília toda semana a chamado do Ministério da Saúde, porque lá os laboratórios não fazem nada. Qualquer coisa que precisavam, como soro, era o Adolfo Lutz que mandava, o controle de qualidade era o Adolfo Lutz que fazia. Era impressionante.

É o estado de São Paulo. Existem para determinadas coisas poucas vias de competência. Como alguns setores do Inmetro, da Embrapa, mas o grosso mesmo é Adolfo Lutz, Emilio Ribas, são as referências.

- Ainda bem que a Fapesp está servindo de modelo para outros estados. Eu só espero que os outros consigam fazer algo semelhante.

E para não tomar muito tempo, uma última coisa é a questão dos referenciais. A gente está falando do Adolfo Lutz, Fapesp. Mas a escola pública sempre foi um referencial. Você tendo uma boa escola pública, eventualmente tinham boas escolas particulares, mas você tinha um referencial, uma coisa que balizava o que era o ensino importante. A universidade é a mesma coisa, a universidade pública. Serve até de exemplo. Como é que você vê o futuro nesse sentido? Quer dizer, a escola pública fundamental já se arreventou. A partir de 1970 já não se tinha praticamente nada do que existia antigamente. Eu tenho a impressão de que a universidade, infelizmente, está se cristalizando no mesmo sentido. O que a gente pode fazer? Os institutos, por exemplo. Eu acho que o Butantan hoje está muito bem. É um instituto excelente no ponto de vista científico, de produção, desenvolvimento tecnológico. Mas essas coisas mudam. Então, qual seria a sua proposta para a manutenção dos referenciais? Quer dizer, alguém diz: eu quero conversar com o professor Trabulsi porque ele é um referencial. Aí dizem que não, que o professor Trabulsi não está. Quer dizer, eu perdi o referencial. Como é que a gente faz? O que você falaria?

- *Eu não sei Osvaldo. Olha a universidade americana. Para mim, os Estados Unidos têm o progresso que têm por causa das Universidades, da abertura das universidades. Levaram para lá um Einstein, levaram para lá vários criminosos, e deve ter havido, mas nunca pesou muito esse negócio de competição. Então, para mim é um modelo que é quase perfeito. Mas é complicado porque depende muito da cabeça, do modo de pensar das pessoas. E elas são mantidas mais por doações particulares. Não sei, mas para mim, o governo americano seria ideal para todos nós, para o mundo inteiro. Porque a Europa, de um modo geral, é uma calamidade. Não há muita coisa para se copiar. Eu tentaria copiar o modelo dos Estados Unidos. Em outras palavras, eu queria o governo para me auxiliar com recursos, mas não queria depender do governo. Nem no meu salário, nem nas minhas verbas de pesquisa, nada. Como é que você pensa?*

Ah, depois eu dou uma entrevista para você!

- *Você falou durante nossa conversa que naquele tempo a gente trabalhava para desenvolver pesquisa e depois que eu fiz vestibular para medicina, meu pai não pôde mais me mandar mesada, então eu tive que trabalhar para me manter. E nos meus primeiros quatro anos de medicina eu era propagandista de laboratório. Essa foi uma experiência fantástica, eu trabalhei como um louco, saía com a minha pastinha fazendo propaganda, ia nas farmácias.*

Eu vou trazer uma coisa para você. Meu avô desenhava retratos de pessoas, como Carlos Chagas, e o Laboratório Clímax dava para os clientes.

- *Acho que eu me lembro de alguma coisa assim. Mas então, até o fim do quarto ano eu era vendedor propagandista da (indústria), depois eu mudei para o (laboratório), mas não deu muito certo. No quinto ano eu fiz concurso para interno do Hospital, graças à Deus*

eu passei, daí fiz o quinto e o sexto ano como interno, ganhando o meu salário.

Uma miséria.

- Não, não era muito ruim naquele tempo. Deu para eu me manter muito bem durante meus dois últimos anos de Faculdade. Então, isso que você falou é muito importante, a gente fazia um sacrifício tremendo para poder alcançar os nossos objetivos.

Uma coisa que a gente não tocou em nenhum momento, mas todo mundo tem um lado da sensibilidade, da percepção das coisas. Dentro das artes, o que você aprecia mais?

- Osvaldo, é engraçado, mas eu não tenho assim uma preferência. Eu sou mais ou menos polivalente, eu gosto muito de música, gosto muito de ler, gosto muito de esporte, joguei tênis muitos anos.

Ah é?

- O meu parceiro você devia conhecer, o Otávio Augusto Pereira.

Sim, claro. Aliás, ele faleceu jogando...

- A gente jogava quase todos os dias.

Você vinha no clube também, aqui em baixo, no Alto de Pinheiros?

- Eu sou sócio. Mas o nosso jogo constante era no Centro Paulista de Tênis, na Marginal, que tinha quadras cobertas. Então, eu sou assim meio polivalente, nunca me aprofundei muito em termos de arte.

Mas você aprecia?

- Aprecio. Talvez a coisa que eu mais aprecie seja a música popular brasileira. Eu gosto dos clássicos obviamente, mas eu adoro o Adoniran Barbosa.

Eu também. Um dia nós vamos fazer uma seresta.

- Era um grande poeta.

Uma música contava uma história.

- E muito bem contada. Mas é isso, Oswaldo.

Muito obrigado.